



VII Simpósio Nacional de História Cultural  
**HISTÓRIA CULTURAL: ESCRITAS, CIRCULAÇÃO,  
LEITURAS E RECEPÇÕES**

Universidade de São Paulo - USP

São Paulo - SP

10 e 14 de Novembro de 2014

**“OBSERVER DE HAUT ET SANS PASSIONS”:  
OS OLHARES UTÓPICOS DOS VIAJANTES NA *REVUE DES DEUX  
MONDES***

Maíra Guimarães Paschoal\*

A *Revue des Deux Mondes*, fundada em 1829, na França, por Prosper Mauroy e Ségur-Dupeyron, é um importante periódico que ainda circula pelos mais diversos países. No Brasil dos Oitocentos, ainda que não se possa afirmar que tivesse ampla divulgação, esteve presente nos círculos letrados e políticos (CAMARGO, 2007; SCHAPOCHNIK, 1999). Quando de sua fundação, a revista tinha como proposta preencher a lacuna de estudos especializados, apresentando artigos sobre a vida política, a administração e os costumes de diferentes povos. Para tanto, o corpo editorial enfatizava que seus correspondentes, quando não haviam morado, pelo menos haviam viajado por longos períodos para o local do qual falavam.

Ainda em 1831 a *Revue* foi vendida e reestruturada. François Buloz, seu novo diretor, acrescentou seções à revista e reuniu figuras importantes como Alfred de Musset e Sainte-Beuve, o que levou a um reconhecimento por parte do público e a um aumento no número de assinantes. Inspirada em periódicos ingleses como *Edinburgh Review* e *Quarterly Review*, a *Revue des Deux Mondes* buscava condensar uma variada gama de

---

\* Mestranda em História pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), sob a orientação de Edgar Salvadori de Decca. Bacharel em Estudos Literários pela mesma instituição (2011). Bolsista da Fapesp. E-mail: magspasc@gmail.com.

assuntos em um formato acessível, atendendo aos seguintes objetivos, nas palavras do próprio Buloz (1838 *apud* CAMARGO, 2007, p. 45):

*Literariamente*, para tornar a *Revue* a mais completa que já pudesse ter aparecido ou que possa parecer (*sic*) – levando-se em conta o conjunto de escritores que soubemos agrupar em torno desse periódico do qual não se podem afastar.

*Politicamente*, para ajudar a ordem estabelecida, mas no sentido do progresso e dos governos que a ele se dedicam e dedicando-se a esses com o mesmo pensamento.

O Brasil, como tema, teve uma presença manifesta nos primeiros anos de publicação da *Revue*. Em seu primeiro número, por exemplo, cinco artigos foram destinados a discutir a situação financeira e a registrar impressões sobre o país e sobre o Imperador Dom Pedro I. A análise de tais artigos nos possibilita, para além da apreensão do olhar do viajante sobre o outro, identificar os tipos de relações (comerciais, políticas, culturais) que se estabeleciam entre as partes, que pressupunham pré-conceitos, trocas e escolhas.

É interessante notar que a postura em relação a temas polêmicos como a escravidão ou a figura do Imperador variavam de acordo com o autor do artigo, indicando que não havia uma diretriz política e moral fechada por parte do corpo editorial da revista. Ainda assim, ao longo dos vários artigos é possível identificar a construção de *topoi* que vão se consolidando com o passar do tempo, como a exuberância natural do Rio de Janeiro<sup>1</sup> ou o Imperador admirado pela população (Cf. CAMARGO, 2007).

Dessa forma, valendo-me como fonte de pesquisa da *Revue des Deux Mondes*, analisei os artigos sobre o Brasil produzidos pelos viajantes-letrados durante as primeiras décadas de impressão do periódico, de sua fundação até meados do século XIX. Neles, é possível constatar a importância do “olhar”, da presença física que conduz ao (re)conhecimento e que legitima os discursos sobre o outro.

Como forma de aprofundar tal discussão, conjugo a chave da utopia à história, uma vez que através dela é possível compreender, por exemplo, a persistência da ideia do Brasil como um paraíso terreal, ao mesmo tempo em que era apresentado como um lugar onde a crise financeira e moral imperavam.

<sup>1</sup> Acerca da relação entre natureza e civilização no Brasil, exposta na *Revue des Deux Mondes*, ver: Luis Fernando Tosta Barbato, “Trópicos Imaginados: As geografias imaginativas sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes*” (2013).

## ENTRE A EXUBERÂNCIA E A DEGENERAÇÃO: O BRASIL NA REVUE

O primeiro artigo publicado sobre o Brasil no primeiro tomo da *Revue des Deux Mondes*, de 1829, versava sobre sua situação financeira (“Situation Financière du Brésil”, tomo D). Anônimo, seu autor apontava para um momento de dificuldade, em que o país estava emprestando dinheiro para evitar ir à falência. De acordo com o autor do artigo, o Brasil deveria repensar sua política financeira, que era baseada nas “leis bárbaras” portuguesas, e investir nas riquezas internas que possuía. Apesar do quadro desfavorável, encerrava o texto com um prognóstico positivo: o futuro seria promissor, uma vez que o país era governado por um Imperador preocupado com as causas nacionais.

Ainda nesse volume, outros artigos trataram diretamente sobre Dom Pedro I. Em uma seção intitulada “Souvenirs de l’Amérique” e “Souvenirs du Brésil”, um oficial inglês não identificado narrou sua viagem ao Brasil nos idos de 1822, quando pôde acompanhar as últimas batalhas pela Independência e a coroação do Imperador. O autor conta que Dom Pedro I foi aclamado com pompa por toda a população brasileira, sendo que o clima de liberdade entusiasmara até mesmo os escravos. Nesse ponto, o oficial ressaltou o paradoxo que era lutar pela liberdade política, ao mesmo tempo em que vigia a escravidão no país. Ainda nessa linha, afirmou que o desejo de liberdade, que incitara a Independência, tratava-se mais de uma vaidade do Brasil, do que de fato uma opressão política por parte de Portugal; a isso creditou o fato de ser o Brasil uma nação jovem, cuja “vaidade era inversamente proporcional a sua capacidade” (*REVUE...*, 1829, tomo I, p. 116).

Outro ponto que chamou a atenção do inglês foi a natureza brasileira. Ao narrar sua chegada ao Rio de Janeiro, ele não escondeu sua admiração frente às belezas naturais que o cercavam e afirmou:

Eu vi as costas clássicas da Itália; estive muito tempo no meio das belezas românticas da Suíça; percorri as margens pitorescas do Reno: mas as brilhantes criações do mundo europeu, com seus inesgotáveis tesouros de associação histórica e poética, não me fizeram jamais provar esse misto de sentimentos de admiração e prazer, dos quais não pude me defender com a visão da majestade sublime desta obra-prima da natureza, a baía do Rio de Janeiro (*REVUE...*, 1829, tomo I, p. 115)<sup>2</sup>.

<sup>2</sup> A tradução de todos os trechos retirados da *Revue des Deux Mondes*, quando não indicada a fonte, é de minha autoria.

Contudo, ainda que exaltasse a beleza da Baía de Guanabara em detrimento de maravilhas naturais europeias, o oficial encerrou sua série de artigos contando de seu retorno à Inglaterra e de sua satisfação em encontrar por lá um governo regular e a marca da civilização (Cf. CAMARGO, 2007). Dessa forma, o autor, na construção de seu discurso, simultaneamente estabelece *topos* e utopia brasileiros. Ao conferir ao país o lugar da natureza, mas não da civilização, distingue e limita sua ação e alcance. Vejamos outros exemplos do uso desse dispositivo.

Ainda em 1831 o Brasil voltou a aparecer nas páginas da *Revue*. Em um artigo sobre o livro de Saint-Hilaire, *Voyages dans l'intérieur du Brésil*, Ferdinand Denis, um estudioso da literatura, história e costumes brasileiros, apresentou uma visão contundente sobre a importância dos viajantes para a constituição da história nacional. Amparado em um amplo repertório, Denis fez uma retrospectiva, elencando diversos nomes que, desde a colonização, haviam narrado suas aventuras e impressões sobre o Brasil.

Ainda que reconhecesse o esforço desses primeiros viajantes, Denis afirmava que muitos relatos acabaram por construir uma imagem inexata do Brasil e dos indígenas, uma vez que tratavam apenas do litoral do país. Entretanto, o autor identificou uma mudança de atitude no século XIX, creditada a um diverso momento político, que incitava o conhecimento do interior do Brasil. Ainda assim, de acordo com o autor, esse movimento estava sendo empreendido pelos viajantes estrangeiros, apresentados como figuras fundamentais no desbravamento dos limites nacionais. Entre estes, destacou Saint-Hilaire, atestando que ele expunha a verdade em seus escritos, ao que Denis podia confirmar, dado que andara e vira os mesmos lugares que o viajante descrevia.

Em um texto do próprio Saint-Hilaire (*REVUE...*, 1831, tomo IV), o autor reafirmou a ideia de que o Brasil estava sendo conhecido graças aos relatos de estrangeiros. Escrevendo em um momento político conturbado, em que Dom Pedro I abdicara em favor de seu filho e instaurara-se a regência, Saint-Hilaire esclarecia que tinha licença para se manifestar, já que vivera no Brasil e amava o país.

Ainda que não fosse capaz de prever o que aconteceria nos próximos anos, Saint-Hilaire não se absteve de expor sua opinião sobre o processo de Independência e sobre o novo Imperador. De acordo com o autor, ainda que o sistema colonial português não tivesse sido tão severo como para a América espanhola, ele só fizera desunir e empobrecer o Brasil: “Mas o sistema colonial havia mantido os brasileiros na mais profunda

ignorância, a admissão da escravidão havia familiarizado-os com os vícios mais abjetos; e, desde a chegada da corte de Portugal ao Rio de Janeiro, o hábito da venalidade se introduziu em todas as classes.” (*REVUE...*, 1831, tomo IV, p. 336 *apud* CAMARGO, 2007, p. 87). Caberia, portanto, a Dom Pedro II reunir o Velho e o Novo Mundo e edificar o “brasileiro”:

Quanto ao Brasil, seus destinos repousam hoje na cabeça de uma criança. [...] Um europeu não pode reinar na América; mas ele é brasileiro [...]. Nascido na América, ele não compartilhará nenhum dos preconceitos dos europeus contra essa bela pátria, ele terá todos aqueles dos brasileiros contra a Europa: essa é a lei comum. [...] Nas suas veias corre o sangue daqueles reis cuja glória aventureira teve mais influência sobre os destinos do mundo, como os governantes mais ilustres da Inglaterra e da França, esses reis sob cujos auspícios foram descobertas a rota da Índia e a terra do Brasil. [...] esse menino reúne o presente ao passado [...] (*REVUE...*, 1831, tomo IV, p. 347-348).

Consoante com essa concepção sobre o sistema colonial, Théodore Lacordaire (*REVUE...*, 1835, tomo II), ao recuperar alguns relatos do século XVI, afirmou não ter sido tão violenta a conquista do território por parte dos portugueses, ao que confirmava pela lembrança ainda viva e respeitada dos primeiros mandatários de capitânias. Ainda assim, em outro artigo em que narrou uma excursão ao Oiapoque (*REVUE...*, 1832, tomo II; 1833, tomo I), Lacordaire admitiu que o número de índios vinha caindo: se não era mais pela violência dos primeiros conquistadores, era pelo contato com os vícios e doenças dos brancos. Para o autor, os índios estavam condenados, pois no embate entre as vidas civilizada e selvagem, a civilizada sempre venceria.

É possível identificar na *Revue* um esforço sistemático em apresentar os relatos das viagens empreendidas pelos próprios homens de letras. Ainda que o intuito pudesse ser o de publicar um documento de época, a este se conjugava a impressão pessoal do autor do artigo: narrando sua expedição, tecendo opiniões, críticas ou mesmo a tentativa de estabelecer relações históricas. Dessa forma, a partir do pressuposto de idoneidade e veracidade que o relato e a testemunha ocular carregavam, construía-se uma utopia nacional para o Brasil.

Um exemplo dos limites a que pode, ou não, chegar a licença de um viajante em contar sua experiência encontra-se em uma série de artigos intitulada “Le Brésil en 1844” publicada por L. de Chavagnes, mais conhecido como Conde de Suzannet. De grande repercussão no Brasil, o autor discutia questões políticas, comerciais, territoriais e traçava

alguns prognósticos. Com uma visão bastante crítica, acusava os brasileiros de não conhecerem seu país, ao que era necessário recorrer a viajantes estrangeiros para obter alguma informação. O interior do Brasil restava abandonado, evidenciando a má administração pública:

Para estudar o país e os habitantes, não é suficiente uma estadia, mesmo que prolongada, nas principais cidades. É necessário se embrenhar no interior das terras, onde penetrou pouco a influência europeia; é ali que aprendemos a conhecer a população, e é ali também que nos damos conta dos vários e diversos obstáculos que impedem, nesse império, o desenvolvimento da prosperidade material e da civilização [...] (REVUE..., 1844, tomo I, p. 66 *apud* CARVALHO, 2007, p. 109).

Com relação ao governo, ainda apontava o mau uso da terra, a justiça corrupta, o descaso com as florestas que estavam sendo devastadas, a fragilidade das fronteiras e a morosidade em resolver questões de comunicação e transporte entre as províncias nacionais.

Acerca da possibilidade do Brasil vir a ser o ponto central da civilização na América do Sul, inclusive rivalizando com os Estados Unidos, conforme acreditavam os brasileiros, Chavagnes era categórico: essa “raça portuguesa degenerada” não poderia satisfazer os “sonhos do orgulho brasileiro” (REVUE..., 1844, tomo I, p. 67). E, se os brasileiros acreditavam que o problema do país estava na intervenção dos estrangeiros, o autor refutava, afirmando que era essa relação que salvaria o Brasil, trazendo-lhe a civilização: “A França poderia travar com esse grande país relações que seriam úteis à sua potência assim como a uma sociedade digna de nosso interesse. Dessa forma, renasceriam, pouco a pouco, no Brasil, a ordem e prosperidade (REVUE..., 1844, tomo I, p. 105 *apud* CARVALHO, 2007, p. 115).

Ainda que percebesse o Brasil completamente independente de Portugal (apesar de identificar a moral degenerada dos brasileiros como uma “questão de família”), via-o pobre e descontente. Sem unidade territorial, afirmava que todas as suas províncias aspiravam à independência: “[...] os brasileiros se acreditam muito civilizados para ter necessidade de um governo, mesmo que constitucional!” (REVUE..., 1844, tomo I, p. 79). Ao que finalizava sua reflexão indagando se em breve o Brasil se tornaria uma república federativa.

O artigo de Chavagnes repercutiu negativamente no Brasil, sendo contestado em diversos periódicos. Na *Minerva Brasiliense*, por exemplo, Manuel de Araújo Porto-

Alegre e Emile Adêt publicaram suas retaliações, questionando a imparcialidade do viajante.

Com um retrato sobre a mesma época de que falava Chavagnes, Francis de Castelnau (*REVUE...*, 1848), ao narrar sua viagem pelo Araguaia, também identificou algumas questões problemáticas e que impediam a civilização no Brasil, como a falta de comunicação com o interior do país. Ainda assim, apontava para o dia em que ele seria conhecido não apenas por suas belezas naturais, mas alcançaria um lugar no futuro, pela indústria e trabalho, atingindo assim o triunfo completo da civilização.

Caminhando para a segunda metade do século XIX, Emile Adêt publicou em 1851 o artigo intitulado “L’empire du Brésil et lá société brésilienne en 1850”, em que propunha um balanço sobre os últimos anos do país. Mais otimista que Chavagnes, apresentava o Brasil como o segundo país americano melhor organizado, atrás somente dos Estados Unidos, e colocava a questão: a França conhecia esse lugar?

Repensando os últimos vinte anos, identificou diversas mudanças, tanto nos costumes dos brasileiros, quanto melhorias nas cidades. Com muitas instituições de ensino sendo criadas e uma literatura nacional emergente, Adêt apontava para uma “renascença intelectual”, destacando a figura de Dom Pedro II que, além de estudioso, tinha uma boa formação literária, histórica e científica, o que o tornava capaz de conduzir o Brasil nos rumos do progresso:

No meio de uma sociedade que ainda está por se organizar, é somente da habilidade e da inteligência do chefe que depende tornar a nação uma e forte, enquanto bastaria sua incapacidade e sua fraqueza para dissolvê-la e transformá-la em pó, deixando que cada província se torne um estado independente. Por isso podemos afirmar que, sob um príncipe menos sábio que o atual imperador, o Brasil ter-se-ia transformado rapidamente em um vasto campo de luta e discórdia (*REVUE...*, 1851, tomo II, p. 1090 *apud* CARVALHO, 2007, p. 129-130).

Como dificuldades para o país, destacava a falta de comunicação entre as diversas províncias, uma grande dívida externa e interna, a agricultura ainda escassamente trabalhada e a falta de mão de obra. Quanto a esse último item, apontado como o único empecilho para o desenvolvimento nacional, Adêt oferecia a solução: imigração europeia. Dado que a população livre era escassa e o número de escravos vinha diminuindo, os europeus apresentavam-se como uma solução oportuna, pois com “ardor” e “inteligência” levariam o progresso para o Brasil. A título de exemplo, o autor citou o

fato de que muitos filhos de famílias abastadas estavam indo estudar na Europa, o que contribuía para a mudança de mentalidade do país e com o modo como lidavam com as riquezas naturais.

Traçadas essas diferentes impressões, que contemplam tempos, lugares e contextos variados do Brasil, cabe refletir sobre o papel do viajante e sobre a licença que este possui, ao pensar e criticar um espaço-outro. No caso citado, os letrados que publicaram na *Revue* eram unânimes em afirmar e insistir no valor dos relatos de viagem, essenciais para desvendar um país ainda desconhecido por seus próprios habitantes. Com o auxílio europeu, o Brasil atingiria o grau de conhecimento e civilização. Se sozinhos, restaria para os brasileiros um país de belezas naturais exuberantes, mas desunido e com muito potencial a ser explorado.

Com os olhos no futuro, portanto, o viajante temporaliza uma história (Cf. KOSELLECK, 2006), fincando para ela bases nacionais. Vai, através do discurso, demarcando lugares: para o outro, para si. Contudo, esses espaços são reais, possuem materialidade, ainda que sejam construídos. Portanto, do embate entre a metáfora e a ideia, nasce a utopia. Da dicotomia entre o que se vê e o que se almeja, o olhar do viajante.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBATO, Luis Fernando T. Trópicos Imaginados: As geografias imaginativas sobre o Brasil na *Revue des Deux Mondes*. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, XXVII, 2013, Natal. *Anais...* Brasil: ANPUH, 2013. Disponível em: <[http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363239260\\_ARQUIVO\\_Tropicos\\_Imaginados.pdf](http://www.snh2013.anpuh.org/resources/anais/27/1363239260_ARQUIVO_Tropicos_Imaginados.pdf)>. Acesso em: set. 2014.

CAMARGO, Katia Aily Franco de. *A Revue des Deux Mondes: intermediária entre dois mundos*. Natal: Editora da UFRN, 2007.

KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

*REVUE des deux mondes*. Paris: Bureau de la Revue des Deux Mondes, 1829-1851. Disponível em: <<http://www.revuedesdeuxmondes.fr/>>. Acesso em: ago. 2012.

SCHAPOCHNIK, Nelson. *Os jardins das delícias: gabinetes literários, bibliotecas e figurações da leitura na corte imperial*. 1999. Tese (Doutorado em História Social) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.